
“Trabalho é vida e vida é trabalho!”: escrita de si e imigração polonesa, a memória, o esquecimento e a identidade na narrativa de um intelectual imigrante

“Work is life and life is work!”: self-writing and Polish immigration, memory, forgetfulness and identity in the narrative of an intellectual immigrant

*Rhuan Targino Zaleski Trindade***

Resumo: Ceslau Biezanko foi um intelectual polonês emigrado para o Brasil que se dedicou ao estudo das ciências naturais, notadamente a entomologia e a agronomia. Ao longo de sua trajetória de vida, o trabalho aparecia como um lastro fundamental da configuração do personagem Biezanko. Ao se aposentar em 1965, o Professor Biezanko escreveu um discurso para o encerramento de sua carreira acadêmica na cidade de Pelotas – Rio Grande do Sul. No discurso publicado, deixa transparecer, através da sua escrita sobre si, sua memória, seu esquecimento e a identidade configurada na constituição narrativa que faz, a centralidade do trabalho na sua vida, especialmente o trabalho como acadêmico e professor, conformando uma trajetória baseada, desde a infância, na constituição de uma *persona*. Neste artigo, analisamos o discurso de aposentadoria de Biezanko contemplando o debate sobre escrita de si, a fim de compreender a conformação do autor como personagem e do próprio indivíduo como ator da sua vida.

Palavras-chave: Escrita de si. Ceslau Biezanko. Identidade narrativa.

Abstract: Ceslau Biezanko was a Polish intellectual emigrated to Brazil who dedicated himself to the study of natural sciences, notably entomology and agronomy. Throughout his life trajectory, the work appeared as a fundamental bearing of the configuration of the Biezanko character. When retiring in 1965, Professor Biezanko writes a speech for the closing of his academic career in the city of Pelotas – Rio Grande do Sul. In his published speech, he shows through his writing about himself, his memory, forgetfulness and identity configured in the narrative constitution he makes, the centrality of work in his life, especially work as an academic and professor, forming a trajectory based from childhood on the constitution of a *persona*. In this article, we analyze the discourse of Biezanko’s retirement contemplating the debate about self-writing in order to understand the conformation of the author as a character and of the individual himself as an actor in his life.

Keywords: Self-writing. Ceslau Biezanko. Narrative identity.

* Doutorando em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). *E-mail:* rhuan.trindade@hotmail.com

Introdução

Em 1965, completava 70 anos de idade o Professor e entomólogo Cezlau Biezanko, polonês nascido no Império Russo, posteriormente naturalizado brasileiro. Naquele momento, o cientista foi compulsoriamente aposentado da docência no Ensino Superior, na cidade de Pelotas – Rio Grande do Sul, em razão da sua idade-limite para o Serviço Público. Para comemorar seu aniversário e aposentadoria, reúne-se com amigos, alunos, colegas e funcionários da então Universidade Rural do Sul (atual Universidade Federal de Pelotas) no conservatório de música da cidade de Pelotas, onde proferiu um discurso em que relata a história de sua vida. Esse texto é uma “escrita de si”, uma autobiografia em que o autor, ao longo das páginas, relaciona sua vida ao trabalho como professor, pesquisador e estudioso das ciências naturais.

O discurso foi publicado num volume sem dados editoriais, provavelmente pela própria tipografia da universidade, que, desde alguns anos, editava trabalhos do cientista, e cujos funcionários, no próprio discurso, recebem um agradecimento especial em razão desse apoio. Assim, como fonte para a escrita deste artigo, utilizaremos o discurso de aposentadoria publicado por Cezlau Biezanko como documento capaz de trazer à tona elementos sobre a escrita de si, a autobiografia, a memória e, amalgamada a essas perspectivas, a questão da *imigração*, notadamente a imigração polonesa e de intelectuais, a qual permite pensar a lógica do deslocamento e, de alguma maneira, do desterramento, bem como trazer aportes sobre esse capítulo importante da história do Sul do Brasil.

A fim de complementar a problemática proposta, utilizaremos outras fontes sobre Biezanko como: entrevistas para periódicos e algumas biografias escritas sobre o cientista, a fim de problematizar as perspectivas levantadas ao longo do discurso e sua história de vida. Nossa intenção maior, no entanto, é pensar o discurso na lógica própria individual e temporal em que teria sido pensado, escrito e proferido, evidenciando: para quem era dirigido, quais os objetivos e como se deu o desenrolar das informações contidas, a partir do ponto de vista de seu autor localizado contextualmente.

Este texto privilegia uma reconstrução temática, mais que cronológica, da análise da escrita de Biezanko, apontando a aspectos que são importantes na configuração da *persona*, que o cientista faz de si mesmo, bem como da conformação da sua identidade a partir da reconstrução de sua memória.

Os trabalhos que englobam as escritas de si (FOUCAULT, 1992), a identidade (RICOEUR, 2014), a memória (CANDAU, 2012), as narrativas autobiográficas (LEJEUNE, 2008; GAY, 1998), aliados à memória e à identidade étnica e de imigrantes (THOMSON, 2002, PRAT CARÓS, 2007) são os principais aportes teóricos que permitem chegar ao âmago da rememoração, da identidade e da escrita de si de um intelectual imigrante polonês no Brasil.

A memória, a identidade e a narrativa sobre si: construções categoriais

Antes de nos determos na análise do conteúdo do discurso publicado pelo cientista Biezanko, é importante trazer à baila algumas configurações categoriais, isto é, problematizar definições prévias que situem nosso texto. Primeiramente, entendemos a escrita do discurso de Biezanko como uma “escrita de si”, no sentido atribuído por Foucault (1992), como “arte de si mesmo”, em que o autor explora e expõe sua subjetividade e seus pontos de vista sobre uma situação particular.

O discurso publicado se constitui, também, numa autobiografia, escrita em primeira pessoa, num texto mais ou menos cronológico, em que o autor registra sua vida e si mesmo. É fato que Biezanko teve pequenas biografias publicadas, ainda em vida, por diferentes autores: escritas em polonês, espanhol e português. Biezanko gostava de chamá-las ironicamente de “necrólogos”. Mas o único texto em que faz um apanhado geral, ele próprio, de sua vida, é nesse discurso de aposentadoria que ora analisamos.

Embasamo-nos na já clássica obra de Lejeune (2008) e suas definições sobre o gênero autobiográfico, como o relato retrospectivo de uma pessoa real sobre si própria. No texto *O pacto autobiográfico*, Lejeune define a autobiografia como sendo caracterizada pela identidade entre narrador, autor e personagem, isto é, ao escrever sobre a própria vida, o autor estabelece um pacto autobiográfico com o leitor, uma afirmação dessa identidade, demonstrando sua intenção em relação à escrita autobiográfica. Sendo uma forma tanto de escrita como de leitura, o pacto é construído a partir da noção de que as informações são apresentadas de forma sincera pelo autor, o que vai além de uma verdade irreduzível. Afora essa relação identitária, a obra deve ser uma narrativa, em prosa, escrita em primeira pessoa, e o nome da personagem principal,

caso apareça, deve ser necessariamente idêntico ao nome do autor que está estampado na capa do livro.

Gay (1998, p. 119), retomando textos vitorianos em um período de grande profusão de interesse e escrita de autobiografias, entende esse gênero como instrumentos de sondagem da vida introspectiva, de questionamentos sobre si, pontos de vista das confissões e reminiscências do *eu* privado, reveladas ao público, isto é, uma autorrevelação com sentido terapêutico, um ato obsessivo de reparação ou um divertimento inócuo. A questão terapêutica para nós parece ser um ponto nevrálgico na medida em que permite analisar os escritos de Biezanko, para além do registro de sua vida passada, como uma autoavaliação e autorrevelação no momento da conclusão abrupta de um ciclo, representado pela aposentadoria, para o início de outro, que, como historiadores que sabemos o final das histórias, será um momento de dificuldades financeiras e emocionais para nosso personagem.

O autor constrói uma autorrepresentação de si, conformada diante das expectativas do público ouvinte e do próprio modo como Biezanko quer narrar (e viver) a si próprio, reconstruindo sua trajetória de vida sob temas específicos e deixando outros de lado, muito em vista do contexto particular de produção do discurso, isto é, o quem e para quem era narrado. Essa autorrepresentação está intimamente vinculada à identidade e à constituição da *persona* que o autor se propõe. (RICOEUR, 2014).

Segundo Candau (2012), a conformação da identidade está conjugada com a memória, ambas se nutrindo mutuamente e capazes de produzir uma história, uma narrativa, uma trajetória de vida e/ou um mito, sendo que é a memória que constrói, alimenta e fortalece a identidade tanto coletiva como individual. Daí que, na rememoração de Biezanko, há a constituição de suas múltiplas identidades. (HALL, 2014). No seu discurso transparece, inicialmente, mais sua posição de cientista, de professor acima de tudo, muito em razão do contexto em que o texto é construído e para quem é proferido, ou seja, dentro do ambiente acadêmico e para alunos, professores e funcionários da universidade. Também exploraremos sua condição de polonês e imigrante ao longo do discurso, a qual é inerente ao processo de construção identitária de Biezanko, posto que o deslocamento, a mobilidade espacial, é uma rememoração fundamental para o professor.

Ao pensar um discurso proferido e publicado, torna-se importante entender as imbricações e diferenciações que remetem à autobiografia e à autonarrativa através da relação entre a oralidade e a escrita. Como aponta Passerini (2011), na escrita, alguns aspectos da memória seriam modificados, na medida em que ela tem um tom mais burocrático. As contradições ou lacunas seriam aparadas na escrita, e o texto, construído com uma lógica sequencial bem-organizada.

A oralidade permitiria a exibição da emotividade, da empatia e dos aspectos do imaginário e da fantasia. Nesse diálogo entre as duas formas de narrativa, o discurso de Biezanko é um intermediário. *A priori*, o texto, provavelmente, foi escrito e revisado para ser proferido pelo cientista, mas o importante é notar que, de uma maneira ou outra, sua leitura no evento pode ter trazido aspectos da oralidade, do gestual e da emotividade, os quais não serão trabalhados neste artigo, visto não termos acesso a essas expressões. Também é notório observar o quanto existe a presença do fantástico e do imaginário na reconstrução narrativa que o autor faz de si, assim como Passerini (2011) também analisou nas entrevistas orais que realizou com prisioneiras políticas italianas em seu trabalho.

Nas seções seguintes, pretendemos analisar o texto de Biezanko como uma reconstrução de si, um texto terapêutico, de autorrevelação, autoavaliação, um processo de configuração da identidade e da vida de cientista, professor, pesquisador, imigrante e polonês diante da iminente aposentadoria, representação de uma ruptura abrupta na sua trajetória.

“Quem não trabalha não existe”: identidade narrativa e escrita de si

Ceslau Biezanko escreveu o discurso dentro de um contexto específico, um clima festivo, mas diante de um público particular, com objetivos que se coadunavam com o espaço de alocação da produção da fonte, este era o espaço do trabalho, notadamente, do trabalho científico.

“Considero a curiosidade humana uma doença incurável”. (Biezanko, 1965, p. 8).¹ Com essa frase, após os agradecimentos das autoridades, Biezanko inicia o seu discurso de 70º aniversário e aposentadoria do serviço público. Não se pode deixar de pensar nesse cientista na lógica de uma subjetividade muito específica, que vincula sua história de vida diretamente ao trabalho, já que a própria identidade do cientista estava articulada às questões profissionais, da pesquisa e da produção científica.

Narrado em primeira pessoa, numa ordem mais ou menos cronológica, com espaço para emissão de opiniões e parênteses para tratar de outros aspectos, o discurso é dirigido por uma linearidade tendo um fio condutor específico: o trabalho científico. O tema não apenas é proferido em razão de ser a fala de sua aposentadoria, mas, em outras entrevistas, o autor destacava a *vida* confundida com *trabalho*, a qual permite entender o modo como Biezanko reconstrói a si mesmo, através da figura particular do intelectual.

O autor afirma, por exemplo, que nasceu no dia 22 de setembro de 1895, às 6 horas da manhã, e duas horas depois teria sido colocado em cima duma pilha de volumes da Enciclopédia Universal de Orgelbrand, segundo costume das famílias intelectuais polonesas para lhe garantir uma carreira científica. Uma autorrepresentação buscada no passado, no *desde sempre* ou na noção de *vocação*, que Biezanko e Bourdieu (1996) concluiriam como sendo uma *ilusão*.

Frases como: “Quem não trabalha, não existe”, citando Ramon y Cajal, são exemplos que permitem identificar essas posições do autor. Na sequência do texto, aponta: “Por força de lei, sou obrigado a deixar hoje, a escola onde trabalhei por trinta anos”, durante esse período, “não somente me dediquei ao ensino, mas também à pesquisa, à ciência pura”; “O fato que se registra é que encontro-me, desde hoje, aposentado; isto porém, não significa que deixarei de trabalhar”, ou “ainda tenho muito a fazer”. O autor não queria se aposentar; em outras entrevistas, demonstrava a continuidade com uma rotina de trabalho e produção científica, ainda que se considerasse esquecido após a aposentadoria e por vezes fosse mencionado o sofrimento com problemas psicológicos.²

Para Biezanko, “meu grande amor, minha paixão foi, é e será sempre o trabalho. Estudei e continuo estudando não por obrigação, mas por amor à ciência, ao saber; não para conquistar títulos e diplomas que são apenas documentos de conclusão de cursos e muito raro, documentos de saber”. Esses exemplos permeiam todo o discurso, são referências constantes à condução da narrativa de Biezanko. Em outro momento, afirma que gostaria de ter produzido mais, que não vai parar, apesar de não “ser mais o mestre”, “continuarei trabalhando, porque trabalho para mim é sinônimo de vida. Trabalho é vida e vida é trabalho! Quem pensa ou raciocina de modo diferente é inimigo de si próprio, e o que é pior, é inimigo da Pátria” (Biezanko, 1995, p. 10) e “Querer trabalhar significa querer viver”, “quero viver, quero e devo produzir”. (p. 14). A posição

do autor é bem-destacada, estabelecendo o modo como quer ser lembrado e como constrói sua identidade, ademais não apenas conforma o passado, mas pensa o futuro, sob a mesma lógica do trabalho científico e da produção.

Não é apenas em razão da comemoração de sua aposentadoria, que não seria um impeditivo à continuação de suas atividades, tampouco em razão do público acadêmico presente, mas essa constituição de uma identidade específica provém da própria crença do cientista na vida correlacionada e sobreposta ao trabalho, que, de fato, levava, não apenas no discurso, mas na sua prática cotidiana. Nesse sentido, os relatos de Biezanko tratam de sua vida como sendo a contiguidade do trabalho científico e da prática docente, desde a Polônia até Pelotas.

Na escrita de si, que denominamos autobiografia, há um diálogo inerente, quiçá, uma dialética como a proposta por Ricoeur (2014) entre a *mesmidade* – *ipseidade*. Para discorrer sobre o sujeito social, Ricoeur constituiu o conceito de *mesmidade*; e, para pensar no sujeito moral autônomo e independente, o de *ipseidade*. *Mesmidade* indicava o que tornava esse sujeito um ente social, da espécie humana, como era dito pelos outros, enquanto *ipseidade* seria aquilo que caracteriza o indivíduo como ser único, singular, como nenhum outro era, o que o mesmo dizia de si. Daí a importância da narrativa, especialmente a de si próprio, da vida narrada, como um identificador do sujeito em seu caráter moral e social, uma *identidade narrativa*. Biezanko na sua escrita está vinculado à identidade de cientista, de professor e de pesquisador, na sua relação fortemente articulada ao trabalho, naquilo que está correlacionado ao social, isto é, sua *mesmidade* parece sobreposta à *ipseidade*, revelada nos interstícios do discurso, nos momentos de nostalgia, saudade, na utilização da ficção literária e nas opiniões.

A vida acadêmica, a vida de cientista é, no texto de Biezanko, o “fio de Ariadne” que articula e totaliza o indivíduo. É a partir dessa linha de argumentação, que estabelece a sua *persona* e rememora sua biografia. O autor constrói sua autorrepresentação não apenas na narrativa, mas também na realidade das experiências – vivendo de acordo com a imagem de si, do mito de si constituído – como veremos através do uso da literatura e dos exemplos de vida a que recorre.

A pessoa, entendida como personagem da narrativa, não é uma personagem distinta de suas “experiências”. Ao contrário: ela compartilha o regime de identidade dinâmica própria à história narrada. É a identidade da história que faz a identidade da personagem. [...] Essa função *mediadora* que a identidade narrativa da personagem exerce entre os polos da mesmidade e ipseidade é essencialmente comprovada pelas variações *imaginativas* a que a narrativa submete essa identidade. (RICOEUR, 2014, p. 155).

A constituição da identidade, segundo Ricoeur (2014), ocorre em ligação com a do enredo, através da configuração (da concordância discordante como síntese do heterogêneo), como arte da composição desse enredo. O cientista e o modo como se autorrepresenta existem na medida das experiências e na conformação de sua identidade na narrativa, a partir das mesmas experiências. A dialética da *ipseidade* e *mesmidade* é exemplificada quando a temática sobre a vida de Biezanko, mesmo quando não referida diretamente à profissão, é articulada automaticamente a ela.

Aspectos da sua família e mocidade são retomados na lógica do trabalho. O apoio dos pais é visto como fundamental para o cientista, afirmando que “desde a mocidade apaixonei-me pelo saber e, principalmente, pela química, ciências naturais, etc.” (BIEZANKO, 1965, p. 8), e para “trabalhar são necessários antes de tudo saúde e ânimo”, esse pode vir de nós mesmos ou de forma externa, daqueles que nos cercam, de maneira que, segundo Biezanko, “recebi este ânimo de meus saudosos pais e dos meus inolvidáveis mestres e professores”. Sua identidade social é aquela que prevalece na escrita, na sua narrativa, isto é, Biezanko existe holisticamente na medida em que existe o cientista e o professor, daí o motivo de a sua aposentadoria trazer diversos problemas posteriores, inclusive para sua saúde física e mental. Ao tratar da família e de outros assuntos, mesmo que sem vínculo direto com a academia, Biezanko recorre à sua correlação com o trabalho.

“Para trabalhar cientificamente não são necessários somente amor ao trabalho, ânimo e interesse para os problemas abordados. O ambiente e as pessoas que nos cercam devem compreender-nos como pesquisadores”, de modo que o afeto seria necessário ao lado da compreensão: “Todo cientista-investigador necessita do carinho, reconhecimento, conforto e compreensão daqueles que labutam com ele”, assim “a pessoa que desempenha importantíssimo papel na vida do

pesquisador é a esposa”. Lúcia Mantovani como era conhecida Joanna Dolrowolska,³ era uma cantora lírica polonesa que casou com Biezanko no fim dos anos 1920.

O cientista aproveita o momento para elogiar a esposa que o acompanhava nas explorações entomológicas, nos seus trabalhos e na colheita e cria dos insetos, diferentemente de “quantas esposas inescrupulosas e sem pudor [que] abandonaram seus maridos, lar e filhos! Aquelas que assim o procederam foi, porque consideravam seus esposos (notáveis entomólogos, botânicos, químicos, etc.) como loucos, ligados a cosas nojentas” como insetos, entre outras atividades, pois que voltavam de seus laboratórios com cheiro esquisito e por essas razões “achavam a vida com eles, estúpida e sem graça”. Biezanko cita colegas abandonados pelas esposas a quem chama “mulheres” em vez de “senhoras”, a fim de desprezá-las. Essas confissões acerca do vínculo com o trabalho científico aliado à vida conjugal são interessantes para entender a centralidade dessa identidade como *mesmidade* na dialética com a *ipseidade*. A esposa tem a função de acompanhá-lo e, ao longo de todo texto, ela aparece somente nesse parágrafo, lembrada como partícipe do trabalho científico, ademais como suporte de carinho e afeição.

A esposa é um capítulo pouco evidenciado por Biezanko nas narrativas de sua vida, sendo raramente mencionada em outras fontes. Só há referências mais destacadas depois de sua morte, três anos após o discurso, acontecimento que se tornou motivo de grande tristeza e revolta em Biezanko até seu segundo casamento.

A subjetividade do autor, na condução de seu discurso, é permeada de sentimento e de emoção, que transparece em diferentes momentos, em razão de corte abrupto no seguimento de sua vida profissional devido à aposentadoria. Biezanko assevera que “como ser que pensa: *cogito ergo sum* (Descartes) ou simplesmente e mais acertado: *Cogito-sum* (Supiński), passei por diversas fases de evolução do meu espírito: evolução acompanhada de revolução, de revolta”, afirmando que conhecia suas fraquezas como intelectual, sendo, inclusive, a função desse, depois de sua passagem por esta Terra, deixar um legado (produto de sua vida espiritual), que, por essa razão, seriam imortais e, assim, permaneceriam.

Essa necessidade de um constructo patrimonial pelo cientista, através de seus estudos, para que ficassem como sua herança intelectual, mas também de sua *persona*, fez com que Biezanko se dirigisse aos estudantes presentes, evidenciando a busca do saber como um alívio para o viver de uma vida

que é curta, quando cita: “Vita brevis este, Brevi finietur, Venit mors velociter, Rapit mors atrociter, Nemini parcutur”,⁴ deixando claro que ninguém escapa! Para nos convencerem dessa verdade triste e inabalável, “chegamos, infelizmente, tarde, isto é, quando já estamos com setenta anos ou mais, sabemos que a volta para trás é impossível”. A aposentadoria e a idade parecem ser elementos que despertam no autor algumas reflexões: “então tudo passa, tudo morre. Passa a mocidade, passa a beleza [passam], as riquezas adquiridas ou herdadas facilmente podemos perder de um dia para o outro”, de forma que o conforto é encontrado novamente na busca pelo saber: “mas os dotes de caráter e os conhecimentos adquiridos, somente a morte é capaz de roubar-nos”.

A aposentadoria conduz o cientista a refletir sobre a velhice e a morte, outra quebra abrupta na sequência do viver. Em nenhuma outra entrevista posterior, menciona a questão da morte, já a idade avançada é tema constante, bem como os problemas advindos dela e da própria aposentadoria, frequentemente referida como algo problemático para o cientista.

A reflexão retorna sobre seu legado, afirmando sua dedicação ao ensino e à pesquisa, considerando seu trabalho com entomologia incompleto, pois a sorte lhe foi *adversa*, retomando *Fausto*, de Goethe, e a noção de que andou errado durante a vida toda. Além disso, segundo seu sentimento exposto na fala, deixava a cátedra de entomologia na universidade encontrando poucos alunos *vocacionados* àquela ciência. Em contrapartida, segundo Biezanko, depois de mais de nove mil aulas teóricas e práticas no “alto nível universitário”, ao longo de 30 anos, teria cumprido seu dever como professor, considerando a presença de seus alunos como sendo a despedida, a *última aula*.

Nesse contexto, a ciência da entomologia tem um lugar destacado na reconstrução da carreira profissional que está articulada à conformação do si na narrativa de Biezanko. Em vários momentos, destaca como sua *paixão*. No final do texto, cita Anatole France, demonstrando também a nostalgia da velhice em relação à juventude.

Se eu fosse a Natureza, não faria o homem e a mulher à semelhança dos grandes macacos, mas à semelhança dos insetos que, depois de um período de lagarta e crisálida, transformam-se em borboletas e na última parte da vida só pensam em amor e beleza. Eu poria a mocidade no fim da existência humana ... Arranjaria que o homem e a mulher, desdobrando rutilantes asas, vivessem, por um tempo, no orvalho e no desejo e morressem num beijo de êxtase. (BIEZANKO, 1965, p. 15).

O autor sobressai ainda um verso em francês de autor desconhecido, o qual ele recitava para todas suas turmas, como forma de demonstrar o sentimento pela área científica que tinha sido o foco dos seus muitos anos de trabalho. Biezanko deixa patentes sua dedicação à ciência e a necessidade de continuar seu trabalho, ainda incompleto para o autor. O fato é que, no seu discurso, há a valorização de sua profissão de cientista e professor, representada no motivo de deixar para os alunos a mesma imagem de valorização do professor que ele apresentava. Biezanko queria ser lembrado, respeitado, ter seu trabalho valorizado pelos seus alunos; em suma, deixar um legado após o fim da carreira.

A mocidade, a imigração e a polonidade: memória e identidade

Ao longo do discurso, outros assuntos são abordados pelo cientista. Ainda que a temática do trabalho, a identidade *profissional* – característica da escrita de Biezanko – esteja sempre presente, buscamos pensar a partir de outras identidades compostas ao longo da narrativa, pensando na rememoração do cientista por meio da juventude, do deslocamento e da etnicidade.

O autor, no discurso, faz uma longa digressão sobre a mocidade *da* e os tempos de estudante na sua cidade natal, Kielce,⁵ relembrando a rígida disciplina imposta aos colegas poloneses por pais e professores e, inclusive, a presença do esporte e da cultura no seu cotidiano. Para ele, parte dessa disciplina devia ser apropriada também por seus alunos brasileiros:

Não sou contra o esporte, neste mesmo colégio aprendi e gosto muito de esgrima e outros esportes como o tênis, não há dúvida de que “*mens sana in corpore sano*”, porém, como fato, deixo aqui registrado que no Brasil exageramos, isto é, nossa mocidade exagera no futebol em vez de exagerar um pouco mais, antes de tudo, em matemática, química, física, ciências naturais e lógica. O mundo é uma geóide, uma esfera achatada, uma elipsóide e não uma bola de futebol: o mundo não se conquista com os pés mas sim com a cabeça! (BIEZANKO, 1965, p. 15).

O futebol é fortemente criticado por Biezanko. Destaca a introdução do esporte na Polônia e o quanto sofreu por ser o mais fraco e menor da turma. Esse aspecto é importante na construção de sua identidade, que, apesar de tudo, ainda se vincula como estrangeiro em relação ao Brasil.

Podemos avaliar certo caráter professoral, de estímulo aos alunos, mas também a ideia de um imigrante europeu que se coloca numa posição de certa superioridade em relação aos brasileiros, na medida em que contrapõe o desenvolvimento científico (de caráter moderno e iluminista) europeu ao exagero brasileiro nos esportes, com o futebol.

Nesse sentido, boa parte da narrativa de Biezanko, no discurso, é para os estudantes, que compareceram ao evento. Em dado momento, abre uma brecha para se dirigir ao que ele chama de “mocidade que estuda”, para fazer sua *última aula*, incitando-a ao estudo (“Estudai, mocidade!”), à disciplina e ao amor ao saber sem objetivos unicamente de obtenção de diplomas ou para *ostentar*, mas para utilizar o conhecimento para toda a vida.

Finalmente, depois de descrever os tempos de estudante, o autor narra a influência da literatura como inspiração à busca do conhecimento e, conseqüentemente, a saída à procura de *aventura* em outro lugar, fato que o teria levado a imigrar.

Ainda como aluno do colégio apaixonei-me pelos livros. E eis a minha leitura predileta: “A vida dos animais”, de K. Brehm, “A vida dos insetos”, “Maravilhas do instinto dos insetos e aranhas”, de Fabre, “Doutor Caçamoscas”, de E. Majewski, “Mundos desconhecidos”, de Flamarion, “Como o de que se faz isso e aquilo”, de P Bert, etc.

Quando nos últimos anos de colégio, em Kielce, fiquei apaixonado pela leitura de “*Philosophie zoologique*”, de J. B. de Monnet de Lamarck, e logo comecei a ler obras do Baron George de Cuvier, de E. Geoffrey Saint Hilaire, e obras de Charles Darwin, então: “Origem das espécies”, “Origem do homem”, “Ilhas originadas pelos corais”, “Vida das orquídeas”, estas últimas como resultado da viagem de Darwin, no iate Beagle. E já naquele tempo perguntei a mim mesmo: E a minha viagem à América do Sul? Exalei um suspiro e lágrimas me correram pela face; recordar é viver! Como e quando me será possível ver estas orquídeas maravilhosas nos matos do imenso Brasil, e no Paraguay? Estes cipós dos matos tropicais? Estes colibris – beija-flores – não aqueles empalhados ou embalsamados que enfeitam os chapéus e vestidos das damas e das donzelas da alta-sociedade varsovia e outras das minhas cidades. Juro que vou ver colibris vivos, parados-suspensos no ar, “beijando as flores”, alimentando-se com néctar das flores de extrema beleza exótica.

E estes macacos de rabo curto e aqueles de rabo comprido! – Não aqueles acorrentados. O! Sonhos meus sonhos....

E meu sonho realizou-se.

Um belo dia, quando em Gênova, na Itália, resolvi ver papagaios, macacos e orquídeas.

Sem vacilar comprei passagem no transatlântico “Conde⁶ Verde” e aqui estou agora.

Passei, antes de estabelecer-me aqui definitivamente como professor, algum tempo no Paraguay; no Chile; Argentina; no sul da Bolívia; no Uruguay e nas Missões do nosso Estado.

Por que escolhi o Brasil e não qualquer outro país americano. Por que o Rio Grande do Sul. Por que Pelotas?

Quando existe a possibilidade de escolher, escolho o que há de melhor.

O texto, datado 34 anos após da chegada do cientista na América do Sul, nos permite destacar uma lembrança de Biežanko sobre seu passado, sobressaindo sua vida como estudante e a maneira pela qual veio parar no Brasil. Essa é uma reconstrução da sua memória, pois o cientista busca dar sentido à sua vida pregressa montando um *todo* coerente e pincelado do maravilhoso – vide a comparação com Darwin – isto é, estabelece um mito sobre si no texto, assim como evidenciamos na construção identitária narrativa (RICOEUR, 2014) e da memória. (CANDAU, 2012). Além disso, demonstra suas escolhas e motivações como simples deliberações sobre o que seria “o melhor”. Em outras fontes, podemos observar que o Brasil foi uma opção diante de problemas que o autor teve na Argentina, bem como Pelotas, que também acabou sendo o destino do cientista após uma experiência fracassada com colonos poloneses no Noroeste gaúcho. Esses aspectos revelam uma complexidade muito maior que a apreendida na narrativa acima. Entretanto, o mais importante não é desmistificar a construção de si do cientista, mas entender como e por que conforma esse tipo de lembrança.

O próprio Biežanko admite:

Vejam só, meus distintos e estimados ouvintes: estas minhas estranhas maneiras, algumas atitudes que vos parecem estranhas, grotescas (não carnavalescas) são inapagáveis, refletem recordações e reminiscências do ambiente da minha mocidade quando, com paixão, entregava-me à leitura de “Aventuras do Barão de Muenchausen”, de G. A. Burger; de “Dom Quixote de la Mancha”, do imortal M. Cervantes, de “Don Giovanni de Lorenzo”, de L. Ponte, e outros. (1965, p. 6-7).

Sua viagem ganhou contornos de aventura, uma aventura em busca do exótico, do desconhecido, ou melhor, de procura pelo conhecimento em terras distantes tanto física como culturalmente da sua Polônia. A presença do imaginário e da fantasia vinculada à literatura é importante à construção da memória de Biezanko e, conseqüentemente, de sua identidade narrativa de intelectual.

Esses aspectos, em parte, trazem um problema na definição do texto como autobiografia, uma vez que desestrutura o *pacto* como analisado por Lejeune (2008), em que há um acordo de veracidade. Com base em outros documentos, buscamos hipóteses à decisão de Biezanko de emigrar. Não encontramos uma resposta definitiva, mas especulações, pensando nas possibilidades de curiosidade intelectual, que fica mais patente na longa citação acima, mas também as oportunidades de emprego no Brasil, que expandia o setor de Educação Rural e privilegiava a vinda de intelectuais estrangeiros a partir de 1930; e, por último, uma emigração como funcionário do governo polonês, cujo objetivo era enviar instrutores educacionais e culturais às colônias polonesas no Sul do Brasil com diversos objetivos estratégicos da política externa e desejos imperiais do período. (TRINDADE, 2015).

Na rememoração e escrita de Biezanko, existe uma viagem pela ficção, a autoficção (ARFUCH, 2010), com espaço para o inventar da própria vida e a sua compreensão de si, num “descentramento constitutivo do sujeito enunciadador” (2010, p. 128), em que não pensamos na noção de veracidade ou autenticidade, mas na constituição autobiográfica configurada num tom literário, um fundo de romance, permeado de fábulas e invenções, que permitem ao sujeito uma autorrepresentação de si e da sua vida. Ocorre a construção do personagem-autor-ator e da sua verdade, aquilo que quer por verdade, seu mito próprio e, para isso, advêm o uso da ficção literária e as histórias de vida de outros atores-personagens, cujas trajetórias são exemplos nos quais Biezanko buscou inspiração ao narrar sua vida e mesmo à *práxis* de suas próprias *experiências*. (RICOEUR, 2014).

Arfuch (2010), ao tratar da autobiografia, afirma que essa oscila entre *mimesis* e memória, sendo o primeiro conceito concebido num sentido criativo como pensado por Aristóteles e interpretado por Ricoeur. Assim, a autobiografia seria, também, coletiva, numa afirmação da subjetividade e intersubjetividade, em que traços comuns são compostos contando uma experiência de vida inter-relacionada com outros. A

temporalidade e a narrativa, inspiradas em Ricoeur (2014), são os elementos capazes de permitir a construção dessa experiência de vida.

Maciel (2004, p. 1), lembra que “os gêneros confessionais [como as autobiografias] são, como qualquer discurso, uma produção humana entrecortada de ficção”, uma vez que a realidade, em sua totalidade, não poderia ser transposta à página escrita. Adotando Hayden White, afirma que “o elemento trópico gera figuras de linguagem ou de pensamento” (2004, p. 2) sendo uma sobreposição do discurso ficcional com a realidade extratextual reconhecível. Assim, Biezanko constrói um mito sobre sua vida, uma história atravessada pelo imaginário literário de autores em que busca semelhanças (como Darwin), no capítulo sobre sua viagem em busca de conhecimento ou à constituição do personagem caricato como Dom Quixote ou Barão de Munchausen. O autor narra e constrói a identidade no entrementes, vivendo de acordo com essa construção, no sentido de uma *performance* do sujeito profissional e moral.

Por outro lado, Biezanko não pode ser pensado sem a vinculação de sua *persona* também à identidade do imigrante (THOMSON, 2002), mas, acima de tudo, na relação da memória e identidade com a realidade do deslocamento. Notamos, através do discurso, a importância da conceituação do passado do ator-autor, através dos motivos e mitos para o imigrante, bem como a forma como a história foi narrada, conforme evidenciamos nas metáforas, sua imaginação e no simbolismo constituídos no texto.

A importância das lembranças na construção do migrante individual e da identidade, por meio de memórias do *quem fomos* e de *onde viemos* (re)constróem o *eu* no presente.

A experiência da migração, que por definição está centrada em torno de um processo de disjunção aguda, apresenta ao mesmo tempo uma necessidade urgente de construir identidades e histórias de vida coerentes, de um passado exemplar que possamos preservar, e dificuldades específicas nesse sentido. (THOMSON, 2002, p. 358).

As histórias dos imigrantes foram usadas e reelaboradas pelos indivíduos e têm sido sempre “uma parte fundamental da experiência da migração, trabalhando com a imaginação de futuros possíveis, mostrando como os migrantes conviveram com as consequências de sua

migração e delas extraíram sentido” (THOMSON, 2002, p. 359), verificamos, assim, o modo como o imigrante reconstrói sua trajetória de deslocamento, configurando, a partir do presente, o modo como a entende, seus objetivos e a constituição de vida.

Prati Carós (2007) também se propõe a estudar o relato de histórias de vida sobre imigrantes/emigrantes, demonstrando o modo como esses indivíduos reconstróem sua vida a partir da experiência da mobilidade, seja através da noção de sucesso, insucesso ligada à questão econômica, seja vinculada aos temas xenofobia e racismo, gênero, política, entre outros aspectos das diferentes histórias de vida dos deslocados.

Biezanko, após pincelar de imaginário a história de sua imigração, conforma uma história de sucesso do imigrante, através dos trabalhos científico e docente, das suas produções, num sentido do “imigrante aventureiro”, que se estabeleceu e “deu certo”. Poderíamos afirmar como uma espécie de *self made man*, ainda que os ganhos fossem mais simbólicos que econômicos. Assim, se permite “ensinar” os alunos brasileiros onde deveriam investir seus esforços e como deveriam agir, a partir de sua própria experiência de estudante e professor.

A necessidade de dedicação ao estudo, bem como a curiosidade intelectual e a vontade de trabalhar seriam características positivadas pelo autor na configuração de sua *persona* e no ensinamento/ aconselhamento aos estudantes brasileiros. Molda uma identidade não apenas de professor, mas de “imigrante europeu”, que seria capaz de instruir os nativos no país de acolhida, numa *missão civilizadora* para a qual haviam sido chamados os imigrantes europeus para o Brasil desde o século XIX (LESSER, 2015) e especialmente os professores estrangeiros ao longo dos anos 1930. (TRINDADE, 2015).

O fato é que o tema *imigração* é importante no relato autobiográfico de Biezanko, na reconstrução *do si*, na sua autorrepresentação. Saindo da rotina acadêmica para a *aventura* do deslocamento, sem menção a grandes rupturas psicológicas, mas como uma espécie de necessidade, muito além da econômica, mas balizada pela curiosidade intelectual e as trajetórias literárias de sua juventude.

Neste momento, ao pensar o tema *imigração*, talvez seja oportuna a pergunta: Qual era o seu vínculo com a Polônia na sua escrita de si? Sabemos, através de outras fontes, que não deixou de permanecer ligado ao seu país de origem, indo visitá-lo em diferentes ocasiões e sendo um representante ativo do grupo étnico polonês na cidade que adotou como

lar: Pelotas. Mas, nessa sua reconstrução inserida no trabalho científico/docente, como o país de origem é representado?

No início do discurso, a fim de responder às várias indagações sobre sua pessoa, menciona o seu nascimento em Kielce – Polônia, em 22 de setembro de 1895. Escreve informações sobre a descendência de sua família e o fato de a Polônia, na época, ser conhecida como “Reino da Polônia” sob dominação russa. Depois, expõe sua formação no país, as universidades pelas quais passou e os locais em que trabalhou antes de emigrar. Afirma, em dado momento, sobre a existência de uma Polônia “livre dos opressores e independente”, ou seja, relacionado à independência do país depois de 1918, para tratar de sua atuação docente. Em suma, sua identificação étnico-nacional com o país natal é minorada no texto, mas aparece, ainda que tangencialmente, em correlação com sua identidade de imigrante.

A memória, como coloca Cartroga (2001), é seletiva e está em relação dialética com o esquecimento. As recordações expostas de Biezanko sobre sua mocidade e sua carreira científica são representações e representificações feitas a partir do presente (momento e contexto) e dentro da tensão tridimensional do tempo, como afirma o autor português. A memória construída, de forma coerente, através de uma narrativa, permite a *anamnesis* com a configuração da realidade através do discurso. Outros aspectos da vida de Biezanko foram deixados de fora da narrativa, seja propositalmente, seja de maneira inconsciente, em razão do contexto de produção do discurso ou da importância dada a diferentes aspectos da vida do autor. Em outras entrevistas e biografias, aparecem dados distintos, mas relativamente importantes conforme o período em que foram escritos e por/para quem.

Um elemento nevrálgico, por exemplo, é a questão da soja. Em 1963, Biezanko foi considerado o “introdutor da soja no Rio Grande do Sul”, fruto de seu trabalho com colonos poloneses na colônia de Guarani das Missões (no Noroeste gaúcho), no início da década de 1930. Esse tema é fundamental para o autor como revelou em diversas entrevistas e um dos motivos pelos quais é lembrado pela comunidade polonesa no Brasil, especialmente a partir do *boom* do produto no País, notadamente nos anos 1970 em diante. O tema, então, torna-se central à configuração do personagem, reconhecido pelos outros e por si mesmo como o introdutor da leguminosa. Contudo, no discurso proferido que ora analisamos, o autor apenas faz uma breve menção usando relatos de

um dos seus biógrafos, visto que a soja ainda não teria se tornado o grande produto de exportação que viria a ser na década seguinte, quando o episódio da introdução se torna muito importante para a figura de Biezanko. (TRINDADE, 2015).

Outros aspectos como sua infância ou viagens posteriores à Polônia não são mencionados, tendo sido citados a partir de outros interlocutores interessados ou expostos em contextos específicos em que essas memórias são demandadas, mas não especificamente neste discurso. O esquecimento tem razão de ser naquele presente do discurso, numa circunstância específica, em que o autor valoriza a memória como cientista que foi ao longo de sua trajetória vivida.

Considerações finais

Algumas dúvidas ficam em nossa análise, por exemplo: Qual era a intenção em publicar o discurso de aposentadoria de Biezanko? Existiria um desejo autobiográfico? Ou de responder a questionamentos? De fazer uma autoavaliação sobre sua vida? De construir um personagem definitivo sobre si para o momento de ruptura de sua vida? Enfim, são muitas as questões que sobre elas podemos apenas especular. O fato é que, ao longo da vida, Biezanko fez um arquivamento de si. (ARTIÈRES, 1998). Guardou documentos, coleções entomológicas, cartas, recortes de periódicos, livros, produção intelectual, entre muitos outros materiais que permitiram a escrita da sua trajetória de vida.

O autor não deixou uma autobiografia na forma de livro ou diário, mas, na sua documentação, podemos encontrar inúmeras fontes autobiográficas, que atravessam toda a sua produção acadêmica e sua vida pessoal, ainda que sobre essa tenha deixado menos documentos. A maior parte das fontes versa sobre seu trabalho, posto que se confunde com sua vida de acordo com o que demonstramos no discurso e como Biezanko procurou evidenciar e até mesmo praticar na sua trajetória.

As poucas menções à família, à esposa, enfim, à sua vida pessoal são uma escolha da reconstrução do si, que o cientista estabelece. Próximo do fim da vida, em algumas entrevistas, se torna mais melancólico em relação à aposentadoria, reclamando do salário, ressaltando as dificuldades financeiras, o esquecimento dos amigos e alunos, bem como da própria condição de moradia e saúde. Através dessas fontes, em ulterior trabalho, será possível trazer uma nova reconfiguração de

Biezanko, em outro momento e contexto, uma conjuntura diferente sob a qual existe uma construção distinta.

No momento da aposentadoria, a sua totalização como indivíduo era diferente, ainda num ritmo de trabalho e de presença no meio acadêmico, que vai se esvaziando a partir de 1965. Encerro o texto com uma estrofe sobre a entomologia do autor francês anônimo, que mencionamos, citado por Biezanko aos seus alunos como metáfora da vida, como trabalho do nosso cientista:

Vive l'entomologie...
Doux charme de nos loisirs...
N'est elle pas dans la vie...
*Une source de plaisir?*²⁷

Notas

¹ Discurso de aposentadoria de Biezanko.

² Conforme algumas entrevistas para jornais em Pelotas, continuou suas atividades, mantinha uma rotina ativa, acordando às 5 ou 4 horas da manhã e prosseguindo com suas pesquisas no seu apartamento, segundo relatos, que chegava a cheirar a mofo e naftalina em vista de seus insetos. Aos poucos, seus ex-colegas foram morrendo, perdeu sua esposa Joanna (conhecida como Lúcia Mantovani) em 1968, vítima de trombose mesentérica, aos 54 anos de idade, morte que o cientista jamais aceitara e a considerava um erro médico. O cientista, cada vez mais, ficava só, recluso em seu apartamento com seus insetos e plantas. Cada vez parecia mais senil aos olhos de vizinhos e ex-alunos. Ganhou má-fama, já em 1948, numa entrevista para *O Globo*. O repórter alerta que recebeu dos alunos do cientista a informação de que era “completamente louco, doido varrido”. Seu comportamento pouco habitual à sociedade pelotense colaborava com a reputação. Por muito tempo, vestiu-se com uma casaca e colete rendado e costumava trancar a porta e guardar a chave ao receber visitas e tinha um galo amestrado chamado “Chatecler”. Quando o cientista e a esposa viviam mais acomodados em uma casa de 15 peças, apenas duas eram habitáveis, pois o professor completara o resto com suas coleções de insetos, viveiros, estufas e museu. Não poupava os visitantes de olhar suas coleções, das quais se orgulhava e que estão, em parte, disponíveis no Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter, em Pelotas. Depois de sua aposentadoria, havia um boato em Pelotas de que estava se tornando

do bêbado, “não faltava quem o tivesse visto, com uma garrafa em punho, de luvas brancas e bengala, dançando na praça, em frente ao Palácio do Comércio, como se estivesse valsando com Lúcia [Mantovani]”. Sorrisos zombeteiros surgiam devido ao seu caminhar com uma bengala decorativa, tratando todos por *senhor*, cumprimentando, respeitosamente, as pessoas com a mão ao chapéu, portando-se à moda europeia. Empobrecido com um pequeno salário, os relatos demonstram a situação difícil pela qual o cientista estava passando: “Ao chegar em casa à noite, em meio ao cheiro de mofo e de papel velho. Biezanko vai direto ao armário antigo, de tela, que substituí a geladeira e de lá arranca um pedaço de pão, latas de salsicha e café solúvel. E, em silêncio, janta sozinho, iluminado por velas, porque a conta de luz não pôde ser paga”. Ele próprio dizia: “Vivo muito triste”.

³ Certificado de óbito de Joanna Dolrowolska Biezanko, de 19 de dezembro de 1968.

⁴ A vida é curta, em um curto espaço de tempo acaba; A morte vem rapidamente, Cruelmente nos arrebatava, ninguém é poupado.

⁵ Cidade localizada no centro-sul da Polônia, na província (Voivodia) de Łódź.

⁶ Reportagem da revista *Agricultura e Cooperativismo*, Porto Alegre, 1976. Transatlântico italiano com o qual Biezanko fez sua viagem até a América do Sul.

⁷ Viva a entomologia; doce charme dos nossos lazers; Não é ela na vida, uma fonte de prazer?

Referências

- ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 2010.
- ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 9-34, 1998.
- BIEZANKO, Ceslau; BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: _____. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas, SP: Papyrus, 1996. p. 74-82.
- CANDAU, Joel. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2012.
- CATROGA, Fernando. Memória e História. In: PESAVENTO, Sandra Jatthy (Org.). *Fronteiras do milênio*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2001. p. 3-69.
- FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *O que é um autor?* Lisboa: Vega, 1992. p. 129-160.
- GAY, Peter. *O coração desvelado*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.
- LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2008.
- LESSER, Jeffrey. *A invenção da brasilidade: identidade nacional, etnicidade e políticas de imigração*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2015.
- MACIEL, S. D. A literatura e os gêneros confessionais. In: BELON, Antonio Rodrigues; MACIEL, Sheila Dias. (Org.). *Em Diálogo - Estudos Literários e Linguísticos*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004. p. 75-91.
- PASSERINI, Luiza. Feridas da memória: identidade feminina e violência política. In: _____. *A memória entre política e emoção*. São Paulo: Letra e Voz, 2011. p. 33-91.
- PRAT i CARÓS, J. En busca del paraíso: historias de vida y migración. *Revista de Dialectología y Tradiciones Populares*, v. LXII, n. 2, p. 21-61, 2007.
- RICOUER, Paul. *O si mesmo como outro*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- THOMSON, A. Histórias (co)movedoras: História oral e estudos de migração. *Rev. Bras. de História*, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 341-364, 2002.
- TRINDADE, Rhuan T. Z. *Um cientista entre colonos: Ceslau Biezanko, educação, Associação Rural e o cultivo da soja no Rio Grande do Sul, no início da década de 1930*. 2015. Dissertação (Mestrado) – UFRGS, Porto Alegre, 2015.

